

Rodrigo Chenta & Ivan Barasnevicius Duo

RODOLFO ROCHA



TOCAR EM DUO TRAZ OS DESAFIOS E AS oportunidades bastante peculiares dessa formação: o entrosamento entre os músicos deve ser impecável, a liberdade permite que a criatividade se sobressaia, a exposição sonora propicia o destaque do talento dos músicos. Rodrigo Chenta e Ivan Barasnevicius aproveitaram todas as oportunidades e superaram os desafios na gravação do primeiro álbum do duo, *Novos Caminhos*. E são exatamente os novos caminhos sonoros trilhados pelos dois guitarristas que se destacam nesse trabalho. Em cada uma das 12 músicas do disco, Chenta e Barasnevicius exploram

uma enorme variedade de andamentos, ritmos, timbres, arranjos e texturas. O resultado é um som instrumental interessante do começo ao fim, sem espaço para mesmice e lugar-comum.

Vocês possuem extensas carreiras musicais. Em que momento seus caminhos se cruzaram?

Rodrigo Chenta: Foi quando comecei a lecionar no Centro Musical Venegas Music. Quando o Ivan me convidou para esse projeto, fiquei bastante feliz. Temos muitas afinidades e sabemos administrar bem nossas diferenças para que o som

sempre saia o melhor possível. Eu já havia tocado com essa formação, mas não a ponto de conseguir desenvolver um trabalho mais sólido, como o que fazemos.

Ivan Barasnevicius: Sempre gostei muito de tocar em duo, pois vamos ao encontro de algumas limitações do instrumento, como timbre e sustentação. Há tempos buscava um parceiro para aprofundar esse tipo de abordagem, com o intuito de moldar uma sonoridade própria. Assim, fiz o convite ao Chenta, que se interessou pela ideia e, então, percebemos nossa grande afinidade musical.

Tocar em duo e quase sem efeitos deixa

os músicos bastante expostos. Como se sentiram nessa situação?

Chenta: É como estar nu e qualquer coisa pode interferir de forma negativa no som, principalmente no momento da gravação. Em relação à formação, vejo como vantagens as possibilidades de interação, improvisação musical e arranjos nos quais podemos resolver problemas presentes em texturas, execução e timbre, por exemplo.

Barasnevičius: Como o timbre é, de certa forma, limitado, temos de investir em outros aspectos para que o repertório não se torne monótono: diferentes levadas, variações de dinâmica e andamento, concepções de solo distintas, entre outras questões. Com relação à exposição intensa, pode-se observar que não somente as melodias e acordes ficam evidentes, mas também todo e qualquer ruído que o instrumentista produz. Sendo assim, existe uma atenção maior na parte musical. Torna-se natural que cada frase, tensão e inversão passe a ter maior relevância nesse contexto.

As músicas *Contrastes* e *Sente o Sete* foram executadas solo. Por que essa opção?

Chenta: A ideia de gravar duas músicas solo vem como um contraponto ao restante do álbum, que foi executado em duo. A sonoridade fica muito diferente e proporciona outro sabor ao ouvinte.

Barasnevičius: Compus *Sente o Sete* por volta de 2003. Já toquei essa peça com diversas formações e arranjos, mas nunca havia realizado uma gravação oficial. Quando cogitamos a ideia de registrar duas peças solo, resgatei esse arranjo em chord melody, que eu já tocava há tempos.

Vocês exploram métricas e andamentos variados ao longo do álbum. O que é mais desafiador nesse contexto?

Chenta: Foi um tanto complexo gravar tudo ao vivo e sem uso de metrônomo – literalmente, fotografamos o momento de execução das músicas na ocasião. Por mais que programemos algumas coisas, há aquelas que são modificadas na hora de registrar. Isso demonstra um som vivo e orgânico.

Barasnevičius: *Valsa para Ana* e *Novos Caminhos*, por exemplo, foram registradas com andamento mais lento do que normalmente tocávamos nos ensaios antes de gravar. Isso se tornou bastante desafiador na medida em que, no momento da gravação, não estávamos acostumados a tocar esses temas dessa maneira. A aten-

ção que o músico deve ter com essas variações na performance contribui bastante para uma melhor interação.

Ao longo das músicas, vocês alternam partes executadas com palheta e passagens de dedilhado. Qual o caminho para tocar ambas as técnicas com precisão?

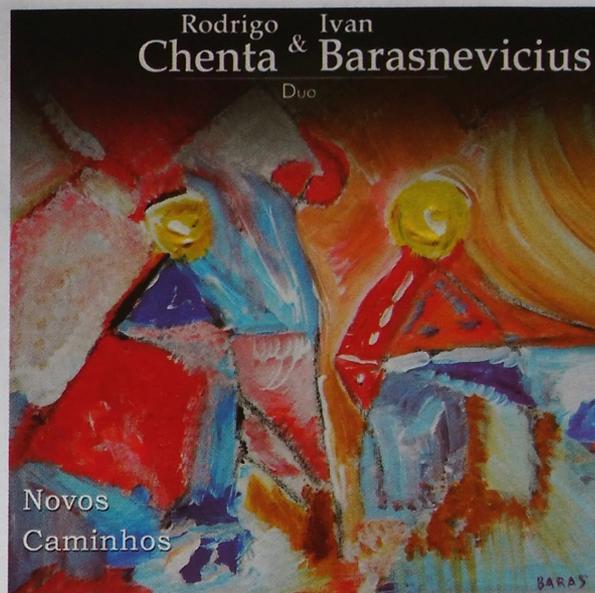
Chenta: Gosto de usar os dedos para fazer acompanhamentos com acordes, sejam em blocos ou arpejados. Porém, no caso da parte B de *Tema para Pietra*, utilizei palheta em alguns trechos, pois entendi que o resultado sonoro seria melhor. Costumo empregar palheta para execução de melodias, apesar de haver exceções. Para tocar com precisão, é necessário muito estudo, especialmente direcionado ao repertório proposto.

Barasnevičius: De maneira geral, os acompanhamentos foram feitos com técnica de pizzicato e as melodias, com palheta. Porém, em *Valsa para Ana*, boa parte do solo foi registrada sem palheta. Acredito que estudar o repertório e a técnica do violão erudito, mesmo no caso de guitarristas cujo objetivo final não seja tornar-se exclusivamente um violonista, é a melhor escola para desenvolver as diferentes possibilidades técnicas para a mão da palheta/dedilhado.

Como vocês combinaram amplificador microfonado, sinal de linha e microfone próximo às guitarras para obter o som acústico e orgânico que se ouve em *Novos Caminhos*?

Chenta: Gravar no estúdio com André Ferraz [engenheiro de áudio] foi primordial para o resultado sonoro que almejávamos. No meu caso, 10% do som veio de linha mais amplificador e 90% veio dos microfones. Meu som foi quase todo acústico e o mais puro possível. Isso soa mais humano e podemos captar cada nuance, como os ruídos de palheta. A diferenciação do timbre das guitarras acústicas é uma característica primordial da sonoridade do duo.

Barasnevičius: No meu caso, é o contrário. A maior parte do som vem do amplificador, mas, mesmo assim, dá para ouvir alguns tapas na guitarra durante as músicas. Vale ressaltar também que, nessas condições, qualquer deslize fica muito



evidente, portanto, precisamos ter cuidado redobrado com o que tocamos, tanto no que diz respeito à rítmica quanto às alturas e dinâmica.

Vocês seguem compondo e arranjando para essa formação?

Chenta: *Novos Caminhos* possui composições que foram escritas há alguns anos e para formações instrumentais diferentes e outras compostas especificamente para a formação em duo. O próximo disco será 100% com músicas criadas e arranjadas pensando na execução de duas guitarras acústicas. Exploraremos ideias com improvisações mais livres em duo e faixas com andamentos mais soltos, que contrastarão com músicas nas quais o acompanhamento será mais rítmico.

Barasnevičius: Continuamos compondo e logo mais teremos novidades. Depois de selecionadas as músicas que devem entrar para o próximo disco, consideramos importante ensaiá-las por um bom tempo, para desenvolver com consistência os improvisos e arranjos. De forma geral, devemos aprofundar o que começamos em *Novos Caminhos*. ■

MAIS ONLINE



guitarplayer.com.br

» Veja Rodrigo Chenta e Ivan Barasnevičius tocando juntos.